

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CARTAS DE MARTINS SARMENTO AO ABADE DE TAGILDE.

(sem indicação de autor)

Ano: 1944 | Número: 54

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Martins Sarmento ao Abade de Tagilde. *Revista de Guimarães*, 54 (3-4) Jul.-Dez. 1944, p. 91-104.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cartas de Martins Sarmiento ao Abade de Tàgilde

Pova de V.
10, 10, 97

Meu am.º

Muito obrigado pelo trabalho que teve com a carta para Ravinhade. Mostrei a sua á Viscondessa, mas ella poz-se a rir e com uma cara como quem diz: — «não tem duvida; eu ainda tenho duas ou tres companhias a livrar e sei onde vive o abbade de Tagilde». Conte com ella. Sei que já lhe agradeceu. No dia 17 conto sahir d'aqui para Guimarães e já não é sem tempo. Minha mulher ainda hesitava se passaria por cá todo o mez ou quem sabe se o mez que vem, para fugir á peste que anda na nossa terra; mas diz-me o Meira ⁽¹⁾ que a peste começou na cabeça do Município e se alastrou para as aldeias. Que não invada o seu Tagilde é o que desejamos.

De V.

am.º e obg.º

F. Martins Sarmiento.

(1) Dr. Joaquim José de Meira, médico; foi Presidente, durante muitos anos da Sociedade Martins Sarmiento, Director da «Revista de Guimarães» e Presidente da Câmara Municipal. Faleceu a 25 de Junho de 1931.

1898

Meu caro am.º

Como provavelmente deita fora a carta do P. Narcyso (1), fico eu com ella. Dá a entender que em materia d'inscrições só ha por lá milliarios; mas o homem da palavra, com P grande (2), faz suppor outra cousa e apanhar as lapides, se ellas forem pequenas, não será cousa difficil. Naturalmente já seringou o seu am.º pelo menos com o pedido da copia e se vier resposta de geito, sempre me avise, porq. eu em Ancora, p.ª onde vou no Agosto, tambem poderei trabalhar nesta vinha. O Padre Capella já sabe que appareceu o milliario novo e está com tenções de lá ir, porque o seu prato favorito são estes calhaus. Vou indicar-lhe mais o que o Narcyso diz estar inedito e recomendar-lhe que espreihe bem as inscrições do tal castro, e tudo o mais que poder.

Vamos ao precioso "forno dos Mouros" (3). Fica nas faldas do Monte da Saia (aliás As(s)aia, visto que os documentos lhe chamam Asagia) (4), na freguesia das Carvalhas. Distará da estação de Nine uma boa meia legoa. Creio que de Nine o caminho mais curto, mas talvez mais ingreme, vae á igreja de Farelães, onde o Carvalho (5) diz estar uma inscrição romana, que ainda não vi.

Passei pela igreja quasi a correr. De Farelães á

(1) Dr. Narciso Cândido Alves da Cunha, archeólogo, autor de uma monografia intitulada «No Alto Minho — Paredes de Coura» (Pôrto, 1909). Nasceu em Fromariz — Paredes de Coura, em 1851. Faleceu em Lisboa, em 1913. Ordenou-se de presbítero em Coimbra; formou-se a seguir em Direito. Foi Conservador do Registo Predial em Paredes de Coura, Juiz auditor de Bragança em 1901, e Deputado às Constituintes de 1911.

(2) Refere-se ao diário católico portuense «A Palavra», fundado em 1872, terminando a sua publicação em 1911.

(3) Vide «A última descoberta archeológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa», por Mário Cardozo (Guimarães, 1931), pág. 46 e segs.

(4) Vide *Port. M. H. — Dipl. et Ch.*, p. 57, doc. XCI, e palavras «Asagie» e «Asaia» no *Onomástico medieval português*, de A. Cortezão («O Arch. Port.», vol. VIII, 1903, p. 293).

(5) P.º Carvalho da Costa, «Corogr. port.», 2.ª edição, vol. I, pág. 294.

cividade (coroa da Asaia), a distancia não é grande, segundo as minhas recordações. O Forno fica a poente do monte e do Forno á casa do seu proprietario a distancia é muito curta. O proprietario é um illustre galho dos Gajos de Barcellos, e tem o nome de Simeão Gajo (1). Como fidalgo de *vielle roche*, parece que não é m.^{to} apaixonado pela escripta, nem mesmo m.^{to} amante da sociedade florida d'hoje. Em summa, é um pouco bicho e o peor perigo da missão archeologica é poderem chegar á falla com o pelludo castellão, que se matrimoniou com uma criada e vive contente no seu buraco.

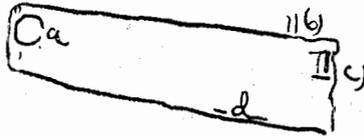
De resto é tão generoso que, podendo tirar algum vintem da antigualha, declara que não quer nada. Tenho-me entendido com elle por intermedio d'uma irmã e do parcho da freguesia, João Gomes d'Oliveira Rosa (2). Mas a irmã não os servirá, porque vive hoje em Vermoim. O padre era quasi indispensavel, mas seria necessario que o meu am.^o me dissesse ao certo em q. dia iam e a q. horas poderiam estar no Forno (imaginemos q. de Nine ao dito gastam uma hora de caminho), p.^a eu pedir ao Rosa que os fosse esperar nas ruinas e apresental-os ao Gajo e á Gaja. O padre de certo não diz que não, e sem elle a missão encontrar-se-ha talvez em embaraços, se vae resolvida a chegar, ver e vencer. Porque, se é acompanhada por um engenheiro, poderão tirar á vontade a planta do Forno, que ninguem os estorvará; mas se querem já demarcar o terreno, com consentimento do dono e apanhar-lhe logo o documento de cessão (3) — o que era obra limpa — a intervenção do Rosa é quasi necessaria. Avaliado o terreno em menos de 50\$000 (e pode sel-o em m.^{to} menos) basta um escripto particular, que pode ir já meio feito, com as confrontações e nomes dos doadores em branco, e a unica difficuldade está no reconhecimento da assignatura do Gajo e mulher (esta creio q. nem ler sabe) e testemunhas.

(1) Simeão Ferreira de Macedo Faria Gajo.

(2) P.^e João Pereira Gomes Rosa, pároco da freguesia de S. Martinho das Carvalhas.

(3) Este documento encontra-se transcrito a pág. 46, nota 2 da obra cit. na nota 3 da pág. anterior.

É possível que o Rosa se encarregue de as fazer reconhecer em Barcellos. É nisto que eu vejo a principal niquice. Quando eu vi as ruínas, tirei o seguinte esboço:



a) é uma cabana circular, hoje descoroada e que mandarei restaurar, b) é uma mina velha, por onde vinha uma água da milagrosa fonte do Pegarinho, que passa hoje solta um pouco m.^{to} a sul, c) era a entrada para o templo, fechado, ao que parece, pelas 4 paredes indicadas pelas 4 linhas rectas, d) era o lugar, onde foram encontrados os figurões em relevo ⁽¹⁾, hoje no nosso Museu.

Alem do recinto comprehendido nas paredes é indispensavel apanhar alguns metros fora das paredes, tantos quantos quizer a generosidade do illustre Gajo; mas principalmente o que for mina velha (b) deveria ficar nosso, porq. diz a irmã do Gajo que por ahi ha pedras curiosas, sem saber precisar em que.

Eu o que sei é que perto de c havia e deve haver ainda uma pedra com uma gravura igual ás da Cítania, pouco mais ou menos, e a que convem deitar a unha para ficar dentro dos *nossos* dominios. Ainda outra cousa: a pouca distancia do Forno dos Mouros, para sul, se estou bem orientado, ha uma lage muito curiosa ⁽²⁾, porque alem das burquinhas e dos circulos concentricos, tem um suastika ☩, muito claro — *raro accidens* em lages. A lage pertence ao Gajo e não pode deixar de ser conquistada — a lage e nada mais.

Penso que dei as informações precisas. O q. sinto é não poder acompanhar a caravana; mas q. maior

(1) Vide «Catálogo do Museu de Arqueologia da Soc. Martins Sarmiento, I — Secção lapidar e de escultura», por Mário Cardozo (Guimarães, 1939), pág. 151.

(2) Vide nota 2 da pág. 46 da ob. cit. na nota 3 de pág. 92.

desculpa posso dar do que dizendo que só uma unica vez fui á Citania, apesar de trazer lá uns escavadores? Tenho medo do calor que me péllo e da mulher ainda mais, que está sempre á espreita das asneiras que faço, para sublinhar qualquer incommodo que ellas possam parir.

Se tiverem tempo, sempre perguntem por umas columnas, q. estão na casa d'um proprietario, pouco distante tambem do Forno e cuja adquisição tambem era apreciavel, se o P. Rosa convencesse os donos a trocal-as por uns varões de ferro, que fariam m.^{to} bem o officio q. ellas fazem hoje. Por ultimo, pode bem ser que o P. Rosa tambem seja seu velho conhecido. Seria ouro sobre azul; porq. então entendi-se directamente com elle. Como vou para o Gerez no Domingo, inquieta-me a ideia de que se extravie alguma carta e haja alguma salsada para a ultima hora. Oxalá que não.

Seu m.^{to} am.^o e obg.^o

F. Martins Sarmento.

1898

Meu caro am.^o

Recebi o rascunho do contracto (1) e não ponho duvida alguma em remettel-o, mas antes disso vou fazer-lhe uma observação. Não seria justo que fosse o Presidente da Sociedade que remetteste a papeleta com algumas palavras dignas dos Farias Gajos de Barcellos? Sim, porque se não trata d'um gajo qualquer, mas d'um homem que, apesar das apparencias, tem de certo sangue wisigothico nas veias e pode achar que o tratam com sem-ceremonia de mais. Sempre meditem. Eu já o ataquei de novo pedindo-lhe que se encarregasse da restauração do Forno e me tirasse a photographia da lage, na convicção de que o Igna-

(1) Refere-se ao documento da doação à Sociedade das ruínas do Monte da Saia (Barcelos), a que se allude na nota 3 da carta anterior (pág. 93).

cio ⁽¹⁾ improvisou, o grande diabo. Foi uma vingança indigna d'um engenheiro militar, que eu lhe farei amar-
gar no tempo dos morangos.

Voltando ao ponto, medite e diga-me o que quer. Eu o que quero é que me deem a conta das despesas, para que me não chamem caloteiro.

Am.º m.º grato

F. Martins Sarmento.

1898

Meu am.º

Cá ficam a dormir as cartas do P. Quental ⁽²⁾ e os folhetins do arrenegado barcellense ⁽³⁾. O homem quer que lhe appresentem a sentença do D. João 1.º; mas, se ella não existe na Torre do Tombo, como affirma, e no cartorio da Camara Guimaranense tambem não existe, estamos perdidos. Replicar-lhe que foi o caruncho que a comeu, talvez seja caluniar o caruncho. Fica a *lenda*, aliás a tradição, theuda e manteuda pelos de Cunha-Runhe ⁽⁴⁾ como disiam os nossos gaia-
tos. Ora aqui sempre ha coisa; porque a *servidão* não se limitava a varrer a praça e os açougues, mas

(1) Engenheiro militar Inácio Teixeira de Menezes, vimaranense.

(2) Referência às Cartas autógrafas do Padre Bartolomeu do Quental, fundador da Congregação do Oratório, nascido em 1626 e falecido em 1698. O Padre Bartolomeu do Quental era primo em 4.º grau do Capitão Bartolomeu do Quental, que por sua vez era 4.º avô de Antero do Quental. Estes preciosos autógrafos pertenceram ao espólio da Congregação Oratoriana do Porto e foram oferecidos à Sociedade M. S. em 1895 pelo vimaranense Augusto Leite da Silva Guimarães (vide «Revista de Guimarães», vol. XVI, p. 152 a 160, e vol. XVII, p. 152 a 167).

(3) Dr. António Ferraz, nascido em Barcelinhos em 1855, e falecido em 1916. Este genealogista escreveu em fins de 1896 no «Comércio de Barcelos», em folhetins, sob a inicial W., um estudo sôbre este assunto (vide «A servidão de Barcelos a Guimarães», por J. Mancelos Sampaio, edição da Câmara Municipal de Barcelos, em 1943, pág. 33).

(4) Cunha e Ruilhe, freguesias do concelho de Barcelos. Hoje pertencem ao concelho de Braga.

a varrel-as em traje carnavalesco. O amigo W (1) foge desta particularidade, como se lhe fizesse outras. O facto é certo e irrefutavel, e implica necessariamente um castigo por um acto ignominioso. Não sei que as Camaras tivessem nunca faculdade d'impôr castigos desta especie. E como diabo ia a Camara de Guimarães, admitida aquella estranha faculdade, impôr taes castigos a freguesias que pertenciam a um municipio differente? Impol-os a um *couto* seu, encravado em Barcellos, e os barcellenses, para se livrarem dos ladrões do couto, fizeram a troca com Cunha e Ruilhe? Mas, se os vereadores de Barcellos, para se livrarem de ladrões obrigavam toda a gente de 2 freguesias a servir de chacota á garotada de Guimarães, bofé que eram uns grandes pandilhas... Nada; parece-me que o bom-senso nos está dizendo que realmente Barcellos peccou e que teve por castigo ostentar a sua ignominia nos açougues de Guimarães. Empurrou a buxa á pobre gente de Cunha e Ruilhe, a não querermos accreditar que só esta pobre gente peccou. Deixemo-nos de tretas: a lenda é um facto m.^{to} real e verdadeiramente comico, a que poz termo o grande João 5.^o a pedido d'alguma freira, talvez; teve um fundamento vergonhoso. Que fosse a cobardia dos barcellenses em Ceuta, não se pode provar com sentença nenhuma, visto que a Torre do Tombo é muda, se é. Mas, mesmo que o seja, quantos documentos teem desaparecido? A nossa Camara não deixou perder os melhores? Certo é que o facto necessita d'uma explicação e, se não é a de Ceuta, deve ser outra muito parecida com ella, na vergonha e com relação á gente de Barcellos.

A tradição, a lenda, invoca a vergonha de Ceuta; emquanto não apparecer explicação melhor, eu vou com a tradição (2). Querer datas certas, e extractos de chronicas m.^{to} explicitas é um bom desejo, mas

(1) Vide nota 3 da pág. anterior.

(2) Sôbre este assunto, vide a já citada obra de J. Mancelos Sampaio e a monografia comemorativa dos Centenários de 1940, editada pela Câmara Municipal de Guimarães, intitulada *Guimarães*, pág. 19, nota 1, e também a «Revista de Guimarães», vol. V, pág. 188 e vol. XV, pág. 48 a 54.

não passa de desejo, m.^{to} mais quando se trata de cousas velhas. Como não tenho m.^{to} que fazer, digo o que me vem agora á cabeça e no papel que tenho á mão. Em todo o caso não voto para que deixemos passar o Torquato (1) e successores pelas Forças Caudinas.

De V. am.^o m.^{to} obg.^o

F. Martins Sarmiento.

Guimarães
7, 4, 98

Meu am.^o

Se ainda não morreu de desespero por ver as obras dos filhos dos Passos, e principalmente se um dia passar pela igreja de S. Miguel das Caldas e quiser averiguar a exactidão d'uma noticia escripta em 1853 pelo abbade Miguel Joaquim de Sá (2), muito bom serviço faria aos epigraphistas em geral e ao epigraphista Bellino (3) em particular. Viu elle n'um manuscrito do dicto abbade o seguinte desenho:



e a seguinte nota: «Junto á porta travessa, da parte de fóra, acha-se uma inscripção troncada pela parede da sacristia». Eu, quando por ahi andei, não vi tal inscripção; mas, se a igreja não foi restaurada depois

(1) Monógrafo vimaranense, Padre Torquato Peixoto de Azevedo, nascido em 1622 e falecido em 1705. Autor das «Memorias resuscitadas da antiga villa de Guimarães», impressas no Pôrto em 1845.

(2) Miguel Joaquim de Sá Moreira, bacharel em leis e abade de S. Miguel das Caldas em 1808, falecido em 1853. Vide «Guimarães — Apontamentos para a sua história», do Abade de Tãgilde, vol. 2.^o, fl. 91 (Mss. inéditos do Arquivo de Reservados da Sociedade M. Sarmiento).

(3) Albano Belino, arqueólogo.

de 53, como creio que não foi, não devemos suppor que o abbade Miguel de Sá andasse a rabiscar noticias e desenhos para nos embaçar. Os filhos dos Passos!

De V. am.º m.º grato

F. Martins Sarmento.

Briteiros
15, 6, 99

Meu caro am.º

Entraram no Museu umas trez pedras com inscripções, vindas de Sinfães (¹). Antes disso, tinham-me mandado copia das inscripções, cuja copia parece uma caçoada. Como estou um mexilhão agarrado ao penedo, e depois do penedo de Briteiros, vou agarrar-me ao penedo da Povia, sem ir a Guimarães, vou incommodal-o, pedindo-lhe que estude os calhaus e me dê noticias delles, quando tiver vagar de o fazer, visitando o Museu. As inscripções estarão completas e apenas com letras safadas? E' uma das questões; a outra é a copia fiel das epigraphes.

A massada não acaba aqui: o caso é começar. Fallando ha tempos com o Dr. Faria Baptista Leite, disse-me elle que o am.º Corvite (²) conhecia umas poucas de lendas mouriscas, localisadas nos dous Arões (³) e que ia intimal-o para as dar por escripto.

Quando se encontrar com o Faria, não lhe espevita a memoria? Tenho feito varias diligencias para arranjar informadores que me instruissem acerca das mouramas de Ronfe, Oleiros, Airões, Vermil, S. Paio de Figueiredo e S. Martinho de Leitões, alguns crendeiros que quizessem ganhar alguns vintens vindo-me contar o que sabem; mas tenho perdido o meu tempo. Apanhemos pelo menos o Corvite. E queira desculpar

(¹) Vide «Catálogo do Museu de Arqueologia da Soc. Martins Sarmento, I — Secção lapidar e de escultura», por Mário Cardozo, pág. 61 e 80.

(²) Manuel Mendes Corvite, proprietário, morador na Casa da Bornaria, em Azurém (Guimarães).

(³) Deve ler-se Airões. São duas as freguesias do Concelho de Guimarães com o nome de Airão. (S. João e Santa Maria).

tanta estopada. Antes isto do q. a influencia, do que Deus o livre.

De V. am.º m.º obg.º

F. Martins Sarmento.

Carissimo archeologo

Recebi agora resposta de minha irmã e a resposta é tal qual eu a esperava; — que não sabe nada, mas que vai escrever ao P. Manoel ⁽¹⁾, respeitavel sacerdote e anjo tutelar das pseudo-freiras capuchinhas, a ver se elle terá aqui a papelada que o meu amigo deseja ver. Se alguns papeis ha e o respeitavel sacerdote os não vendeu a pêsso, devem estar na sua mão, porq. minha irmã deixou-lhos a guardar, quando saiu desta terra capuchinha. Se o meu am.º se entende com o P. Manoel, pode apanhar os papeis, quando quiser e sem necessidade d'auctorisação mais explicita da sua dona do q. a carta que aqui tenho. Mas alem disso o padre não é de ceremonias senão para aquelles com quem embirra. Se caiu nesta grande desgraça, fallo-lhe eu, embora tambem me não gabe de lhe ter caído na graça. Não ha-de ter duvida.

Seu am.º m.º obg.º

F. Martins Sarmento.

Ex.º e Rev.º Snr. Abbade d'Atanagilde ⁽²⁾

Levo ao conhecimento de V.ª Ex.ª que o nosso Antonio de Barros ⁽³⁾ me fez entrega das preciosas

⁽¹⁾ P.º Manuel Custódio de Sousa Gonçalves, vimaranense.

⁽²⁾ *Villa Atanagildi* nos documentos medievais (vide «Vimaranis Monumenta Historica», Parte I, pág. 10, nota 1, e *Port. M. H. — Dipl. et Ch.*, pág. 46 e 283).

⁽³⁾ António de Barros e Silva Carneiro, da Casa do Sobrado, em Felgueiras (vide *Cartas a Martins Sarmento*, vol. I, n.º 29, no Arq. de Reservados da Soc. M. S.).

joias ⁽¹⁾ descobertas na grande cidade de Pegas ⁽²⁾. Diz elle ser menos exacto andar a illustre viuva do Bento Carapéços, que Deus haja, a catar antiguidades pelas bouças de S. Verissimo ⁽³⁾ á frente dos sens servos. Que é verdade possuir ella umas duas moedas, que o am.^o Barros conta apanhar-lhe sem dificuldade, logo que a castellã volte de Agian ⁽⁴⁾, aonde foi não sei a que. Mais lembra o Barros, com um empenho que seria suspeito para quem fosse menos propenso que eu a maus juisos, que seria conveniente que o meu am.^o agradecesse á Virgem que cedeu as preciosas joias. Como o Barros tem nisso empenho, tambem eu e por isso tome em consideração este par d'empenhos e não faça maus juisos. O Museu progride na sua organização a passo de lesma. D'aqui a 5 annos está prompto ⁽⁵⁾.

O am.^o m.^{to} grato

F. Martins Sarmiento.

Meu caro am.^o

Já vê que Rubiães ⁽⁶⁾ é um verdadeiro alfôbre de preciosidades e o seu am.^o Narcyso o rei dos correspondentes, se se não cançar com as primeiras massadas. Eu, pelo sim pelo não, fazia-o socio correspondente, exigindo-lhe juramento de se não deixar desmoralisar

⁽¹⁾ Estas «preciosas jóias» eram umas lápides, que deram entrada no Museu da Soc. M. S. (vide «Revista de Guimarães», vol. XVIII, pág. 58 e «Catálogo do Museu de Arq. da Soc. M. S.», pág. 55).

⁽²⁾ Vide «Rev. de Guimarães», vol. XVIII, pág. 57 e Catálogo do Museu, pág. 38. A «Cidade de Pegas» era o nome de uma citânia, em S. Verissimo de Lagares (Felgueiras).

⁽³⁾ S. Verissimo de Lagares (Felgueiras).

⁽⁴⁾ Aguiã (Arcos de Valdevez)?

⁽⁵⁾ O Museu da Soc. M. S., começado a construir em 1890, só foi inaugurado em 1895 (vide «Catálogo do Museu de Arq. da Soc. M. S.», pág. XIII).

⁽⁶⁾ Nesta freguesia appareceram três «mamôas» que foram exploradas pelo P.^e Narciso Alves da Cunha, a quem se allude na nota 1 de pág. 92.

pela preguiça. As chapas de cobre e de cunambo empansinaram-me. Quem sabe se ellas conteriam algum texto, que daria a Rubiães uma celebridade europeia?

Lembre esta ideia ao seu amigo. E' bem possivel que as chapas ainda possam ser apanhadas. A Sociedade pode adeantar alguns vintens para qualquer exploração, que seja necessaria, na certeza que eu o adeantarei (1), sem exigir o reembolso para mim e para os meus herdeiros. Assim o padre Narcyso encontrasse trabalhador habil que escavasse nos taes «oculos de mina», sem duvida mamôas e em outros sitios promettedores. Estou ancioso por ler o ultimo relatorio e provavelm.te vou lel-o em Guimarães, onde conto chegar na 3.ª feira proxima. Estou morto por safar-me deste buraco, onde o frio e o calor se succedem bruscamente. Resultado: defluxos, constipações. Eu cá estou com uma cousa e outra, louvado Deus.

Até lá.

Seu am.º m.º obg.º

F. Martins Sarmiento.

Meu am.º

A sepultura, de que falla o n.º 10 do «Archeologo P.» (2) não é igual á de Lamoso (3). A descripção do «Archeologo» está mal feita e as gravuras acabam a confusão. A figura em forma de pipa parece das mesmas dimensões da planta da sepultura; mas de certo não é. A sepultura é que é de tijolo; a pipa é de pedra; não se sabendo, ou não o dizendo o redactor se se casava bem com o quadrilongo da caixa de

(1) Sôbre a benemerência de Martins Sarmiento para com o Museu da Sociedade, veja-se o que se encontra escrito a pág. XIII do Catálogo respectivo.

(2) Trata-se de uma sepultura cupiforme, à qual Leite de Vasconcelos se refere no «Arch. Português», vol. I, pág. 265, num artigo intitulado — «Sepultura de Cocceia Clarilla».

(3) Santa Maria de Lamoso, concelho de Paços de Ferreira.

tijolo; parece mesmo dar a entender que não. E' isto pelo menos o que depreendi da leitura mais reflectida do artigo, um pouco zangado por não ter visto desde logo que a pipa era de tijolo, como o meu amigo entendeu e eu aceitei sem exame. O que continuo a acreditar é que a nossa pipa de barro era da mesma raça que a de pedra alentejana e com o mesmo vinho (1).

Seu am.º e obg.º

F. Martins Sarmiento.

Meu caro am.º

Não tenho fallado na encantada viajata a Paços de Ferreira (2) por culpa do meu barometro e de minha mulher. O meu barometro não sahe da indicação da chuva, mesmo quando ha sol sem nuvens. Se a cousa estivesse arranjada de modo que a gente ao erguer da cama e vendo um dia regular, se mettesse n'um carro e abalasse, estava tudo bem, mas sendo necessario marcar um dia com antecipação, sem ser um saragoçano perfeito, m.º mais perfeito que o outro, está tudo mal. De mais, minha mulher tambem barometrisa a seu modo e diz que com este frio e vento as pneumonias são certas. Aqui está porque vivo no meu quarto, embrulhado em cobertores e a escrevinhar tiras de papel para a R. de Gs. (3). Ora elucide-me sobre alguns pontos, em que estão suspensas algumas linhas do meu artigo. O Bugalhóz, de que é proprietario o Francisco do mesmo apellido, chama-se «Bugalhóz de baixo» — ou «de cima»? Tenho ideia

(1) Sobre sepulturas cupiformes veja-se também «Religiões da Lusitânia», de J. Leite de Vasconcelos, vol. III, pág. 401 a 405.

(2) Certamente Martins Sarmiento referia-se a alguma projectada visita às ruínas da Citânia de Eiriz, em Paços de Ferreira (vide «Dispersos» de M. S., pág. 166, 168, 169, 175 e «Catálogo do Museu», pág. 34-35). Esta Citânia começou em Setembro do ano corrente a ser explorada sob a direcção do Arqueólogo Sr. Padre Eugénio Jalhay.

(3) Abreviatura de «Revista de Guimarães».

mas não a certeza, de que o Bugalhóz do meu am.º é que é o de cima (¹). Tenho nada menos duas creadas que nasceram perto do monte de S.º Amaro e uma dellas conta o seguinte, que eu submeto á sua revisão. No cimo do monte nunca houve capella nenhuma de S.º Amaro, mas houve-a onde é hoje a igreja da freguesia. A antiga igreja ficava n'outro sitio, na costa do outeiro e tanto que ainda ha por ahi uma matta de carvalhos, conhecida com o nome de «mortorio», que era o cemiterio da parochia. A chroniqueira acerta ou asneia?

Seu am.º m.º grato

F. Martins Sarmiento.

P. S. Faltava o melhor; o manuscripto (?), que fallava no «imperio dos mouros de Creixomil» estava nas mãos do cirurgião de Rabiços (²) ou de quem? Onde estava elle, manuscripto? O cirurgião deve estar na caldeira de Pêro Botelho.

(¹) Vide «Dispersos», pág. 238.

(²) Rabiços é um lugar da freguesia de Creixomil (Guimarães). Vide «Dispersos», pág. 237.